

Batalha do Crematório: História, violência policial e a circulação da economia através do movimento Hip Hop que acontece na Praça Dalcídio Jurandir, bairro da Cremação — periferia de Belém do Pará¹

Rafael Sales Chaves (UFPA/PA)

Luísa Maria Silva Dantas (UFPA/PA)

Palavras-chave: Batalha do crematório; Hip Hop; Amazônia;

Introdução

Historicamente, o bairro da Cremação é marcado pelo grande forno crematório de resíduos, primeiro da América Latina, inaugurado em 1901, durante o ciclo da borracha² (1870-1911). Criado para comportar o lixo da cidade de Belém em uma época de grande expansão urbana, sob o mandato de Antônio Lemos³, o forno crematório permaneceu ativo até os anos 1980. A Praça Dalcídio Jurandir, mais conhecida como “praça do forno crematório”, foi construída no início dos anos 2000, na primeira gestão da prefeitura de Edmilson Rodrigues⁴. Contudo, os moradores do entorno da praça reclamavam da falta de manutenção do espaço, com mato alto, a presença de usuários de crack e riscos de desmoronamento da fornalha.



Figura 1: Forno Crematório [1901]. Fonte: Arquivo Histórico da Cidade.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² O ciclo da borracha foi um período de grande crescimento econômico na região amazônica, baseado na extração e exportação do látex, matéria-prima extraída da seringueira para produzir borracha durante o século XIX e o início do século XX, onde Belém e Manaus enriqueceram com a comercialização da borracha. Foi um período de modernização e expansão urbana.

³ Intendente de Belém de 1897 a 1911.

⁴ Edmilson Rodrigues (nascido em 26 de maio de 1957 em Belém) é um arquiteto, político e professor brasileiro, filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Foi prefeito de Belém em dois mandatos anteriores (de 1997 a 2005) e foi reeleito para um terceiro mandato em 2020, governando a cidade de janeiro de 2021 a janeiro de 2025.

A Batalha do Crematório, promovida pelo movimento Hip Hop, teve a primeira edição em novembro de 2020, quando, a partir daí, se tornou semanal e fixa, acontecendo às quartas-feiras, à noite, a partir das 19h, com uma duração de aproximadamente 3h30, na praça Dalcídio Jurandir⁵. O evento é dividido em partes: primeiro acontece a inscrição das pessoas que irão rimar, feita com os organizadores, que muitas das vezes totaliza em dezesseis MCs (mestres de cerimônia). Em seguida, ocorre a primeira fase, na qual os MCs são sorteados para batalharem entre si, normalmente resultando em oito duelos. Nas batalhas de rima, quem decide qual MC passa para a próxima etapa é o público presente. Às vezes, também há jurados para ajudar na decisão. Posteriormente, acontece a segunda fase, com os oito MCs classificados da etapa anterior, gerando quatro batalhas. Logo após, sobram 4 MCs, resultando em uma semifinal de dois duelos. Antes da final, os organizadores reservam um momento da batalha para intervenções poéticas, abrindo o espaço para quem quiser declamar ou, quando previsto na programação, para a realização de pocket shows⁶.

Para finalizar a programação, acontece a grande final, em que apenas dois MCs disputam uma “batalha de sangue”, como é chamada, em busca da vitória. Ao final, o campeão recebe uma folha personalizada com o chaveamento completo das fases do torneio. As batalhas de rima são competições entre MCs, realizadas majoritariamente em espaços públicos e parecem desempenhar papel fundamental na vida de jovens periféricos, servindo como um espaço de expressão de narrativas pessoais e coletivas, e ressignificação de experiências vividas, por meio de rimas improvisadas e poesias elaboradas para serem declamadas nesses eventos culturais.

Embora muitas batalhas ocorram nos centros urbanos, em espaços que se tornaram elitizados, o público continua sendo, em sua maioria, composto por jovens negros e periféricos. É importante destacar a importância do rap⁷ na vida dos jovens que se deslocam de diferentes periferias para participar das batalhas, mesmo com dificuldades financeiras; eles, através das rimas, tanto poéticas, quanto improvisadas, abordam mazelas e desigualdades nas quais vivem.

⁵ Dalcídio Jurandir Ramos Pereira (Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari, Ilha do Marajó, 1909 – Rio de Janeiro, 1979) foi certamente o romancista mais importante da Amazônia paraense, tendo construído em suas obras memórias relacionadas ao território e ao povo de nossa região.

⁶ Shows individuais ou em grupo de curta duração.

⁷ O rap é uma vertente musical e poética do Hip Hop, movimento cultural negro que combina ritmo e poesia. Caracteriza-se por rimas faladas sobre batidas (beats) executadas por DJs/DJéias (Disc-jockey). O termo “rap” significa Rhythm and Poetry (Ritmo e Poesia).

O estudo se mostra relevante para destacar a importância das batalhas não só para rimas, mas também enquanto espaços oportunos para debater sobre cidadania, juventude negra, periferia e desigualdades sociais; e contribuir para o campo de estudos urbanos e das práticas culturais, em que juventudes ressignificam espaços públicos através da arte (Certeau, 2025), neste caso, na cidade de Belém/PA.

Para além dos grupos já consolidados no mercado musical, o rap também se constitui como uma ferramenta de geração de renda, em que os MCs usam das rimas improvisadas nos ônibus de Belém para se sustentar ou transformam suas poesias em *zines*⁸ ou livretos poéticos. As batalhas também são importantes na formação de lideranças, em que os organizadores dessas batalhas, muitas das vezes são jovens que diante da ausência desse tipo de manifestação em seus bairros e influenciados por iniciativas em outras periferias, passam a promovê-las em seus próprios territórios, mesmo sem infraestrutura adequada, como microfones ou caixas de som.

Para além da importância dessas manifestações culturais ligadas à juventude negra e periférica, a pesquisa tem como objetivo descobrir como eles resistem à opressão e violência constante da polícia. Silvio Almeida, na obra “Racismo estrutural” (2019), evidencia que a política não se limita ao Estado, mas também em movimentos culturais, como as batalhas de rima, que reivindicam cultura e acesso a espaços urbanos, como praças, para exercerem este direito (Lefebvre, [1968] 2001), porém, impedidos, muitas vezes, devido aos aparatos estatais usados para controle de corpos e territórios periféricos, como é o caso da polícia (Almeida, 2019, 54).

Apesar das adversidades, o Hip Hop é uma ferramenta importante na construção da identidade e autoestima da juventude negra e periférica, que aprendem a vida inteira, através da cultura hegemônica difundida em livros e programas de TV, que seus traços são feios e que negros são inferiores. Frantz Fanon, no livro *Pele Negra, Máscaras brancas* ([1952] 2020), ressalta que essas representações negativas estão introjetadas no imaginário social racista, no qual “o negro é uma besta, o negro é mau, o negro é malicioso, o negro é feio” (p. 129)⁹. A pesquisa vem evidenciando a importância do Hip Hop na vida de jovens que passam a combater os estigmas veiculados (Goffman, 1982), aceitaram quem são e a valorizarem seus traços e cabelos ao se verem nos

⁸ Zine, fanzine ou fan magazine é uma publicação independente e de baixo custo, em que artistas, geralmente desconhecidos, produzem com o intuito de divulgar seu trabalho e, ao mesmo tempo, lucrar com a comercialização desse material, de forma autoral, sem necessidade de editoras.

⁹ Outra categoria importante para refletir sobre essas representações são as “imagens de controle”, trabalhadas por Patricia Hill Collins (2019).

grandes artistas negros do rap Nacional, como no grupo Racionais MC's¹⁰.

Esta pesquisa está em andamento, foi iniciada em outubro de 2024 e adota abordagem etnográfica, com observações diretas e participantes, registros em diário de campo, conversas informais e entrevistas formais com os e as interlocutoras. Durante a pesquisa de campo, estamos percebendo que além da contribuição para a melhoria da autoestima de jovens negros e negras periféricos, o rap e as batalhas de rima estão influenciando na retomada de estudos e ingresso ao ensino superior de vários jovens, ajudando na resistência emocional diante das dificuldades educacionais.

Este estudo tem como objetivo analisar práticas performáticas (Geertz, 1978) e a produção de si (Goffman, 1985) em batalhas de rima, mapeando como participantes, observadores e trabalhadores estabelecem interações antes, durante e após os eventos.

Neste trabalho, apresentamos os primeiros resultados da pesquisa, contextualizando o local e o evento pesquisado, assim como dados das observações diretas e participantes, e relatos dos interlocutores das batalhas, moradores e ambulantes. Este artigo está organizado em seis subitens. No primeiro é descrito, de forma breve, a história do Hip Hop no mundo e como ele chega ao Brasil e, posteriormente, em Belém do Pará. No segundo subitem analisamos como um espaço antes usado para uso de crack e considerado perigoso foi ressignificado por meio da Batalha do Crematório.

No terceiro, identificamos como a batalha lida com o abuso de poder frequente por parte da polícia e como os organizadores criam táticas para que a batalha continue acontecendo (Certeau, [1980]2025). No quarto subitem analisamos a importância do rap na construção da identidade da juventude negra. No quinto analisamos a importância das mulheres na construção do Hip Hop e como os elementos do movimento são sempre pensados no masculino (Leite, 2019). No sexto subitem analisamos as relações sociais entre os comerciantes da praça e os participantes da batalha, e a importância dela para os ambulantes que comercializam no entorno. No último subitem, apresentamos as conclusões desta pesquisa em andamento.

Uma breve contextualização do Hip Hop em Belém do Pará, Brasil e no mundo

Com raízes em Kingston, na Jamaica, o Hip Hop surgiu na década de 1960, onde mestres de cerimônia comentavam a realidade dos guetos e popularizado no Bronx,

¹⁰ Grupo de rap, fundado em 1988, em São Paulo, considerado o grupo mais influente do rap Nacional. O grupo é composto por quatro integrantes: Mano Brown, KL Jay, Ice Blue e Edi Rock.

subúrbio de Nova Iorque, nos Estados Unidos, na década de 1970, por meio dos jovens jamaicanos DJ Kool Herc e Cindy Campbell. Enquanto os MCs (rappers) animavam os bailes nos guetos em cima dos *breaks*¹¹, os DJs (Disc-jockey) utilizavam os samples eletrônicos como batida (BORDA, 2016). Ao lado de seu irmão Kool Herc, Cindy Campbell, ainda jovem, foi responsável por promover no Bronx, em 11 de Agosto de 1973, a primeira festa de Hip Hop, onde viu a oportunidade de arrecadar dinheiro através das vendas de bebidas e bilheteira da festa para comprar roupas novas para ir à escola. Além de ser a primeira produtora de festas de Hip Hop, Cindy foi a primeira *personal stylist*, onde ficava responsável pelo figurino do seu irmão Kool Herc.

Em 1974, o termo Hip Hop passa a ser usado pelo DJ África Bambaataa¹² (In memoriam), logo após fundar a Zulu Nation¹³, expressão que o jovem de 14 anos Lovebug Starski¹⁴ criou. Keef Cowboy¹⁵ também foi muito importante em difundir o termo em suas apresentações no palco.

Ainda nos anos 1970, nos Estados Unidos, ao tocar os *breaks* (beat¹⁶ ou instrumental), os DJs notavam que os dançarinos reagiam de forma positiva, fazendo movimentos acrobáticos, dando origem ao *breakdance*, onde as/os B-Girls B-Boys passaram a competir, sendo uma das partes centrais das festas. Latas de spray passaram a ser usadas nas paredes como forma de expressão e protesto, antes usados pelo movimento punk e pelas gangues de Nova Iorque para demarcar territórios, dando origem ao Graffiti (BORDA, 2016). Assim, surge o Hip Hop composto por esses quatro elementos: MC, que é responsável por fazer as rimas em cima de beats, DJ/DJéia¹⁷, que é responsável por manipular os discos e batidas, *Breaking* (dança), onde as/os B-Girls e B-Boys usam o corpo para dançarem e o Graffiti, onde a produção é materializada em paredes que compõem o ambiente urbano através das latas de tinta em spray, onde as/os grafiteiras e grafiteiros expressam, através das artes produzidas nos muros, questões sociais que propõem críticas e reflexões.

¹¹ Parte instrumental onde o vocal para e os instrumentos se destacam enquanto o DJ remixa.

¹² DJ, produtor musical, ativista cultural estadunidense e um dos pioneiros do Hip Hop. Fundou a Universal Zulu Nation, organização importante para a consolidação do Hip Hop como movimento cultural, social e político.

¹³ Movimento criado em 1973 pelo DJ África Bambaataa, com o objetivo de reduzir a violência entre os jovens dos guetos de Nova Iorque, nos Estados Unidos, através do Hip Hop. A Zulu Nation foi muito importante na estruturação do movimento no mundo.

¹⁴ DJ e MC estadunidense. Considerado um dos responsáveis pela popularização da expressão Hip Hop.

¹⁵ MC integrante do grupo Grandmaster Flash and the Furious Five. Responsável por ser uma das pessoas que difundiu a expressão Hip Hop a partir de vocalizações rítmicas utilizadas em suas apresentações.

¹⁶ Batida rítmica.

¹⁷ Feminino de DJ.

No Brasil, o Hip Hop surge nos anos 1980, nos bailes blacks, entre eles os da *Chic Show*¹⁸, inspirados nos guetos dos Estados Unidos, época em que começa a chegar os primeiros registos fonográficos, sendo um deles a música "The Message", do DJ Grandmaster Flash¹⁹ (BORDA, 2016). A estação de metrô São Bento, no centro da cidade de São Paulo, ficou conhecida como o berço do Hip Hop no Brasil, inicialmente, através do *breaking*. Mano Brown²⁰, DJ Hum²¹, MC Jack²², Thaíde²³ e Nelson Triunfo²⁴ foram grandes nomes que faziam parte desses encontros de *breakdance*, que, posteriormente, ganharam notoriedade no Hip Hop nacional.

Em Belém, o *breaking* surge no início dos anos 1980, onde garotos dançavam as músicas de Michel Jackson, como os irmãos Fera e Maluquinho, mesmo não sabendo o que era o Hip Hop. Em 1984, o grupo Electro Boys, primeira geração da cultura de *breaking* no Pará, fundada pelo B-Boy Fera, foram chamados pela Rádio Cidade FM para fazerem uma abertura do filme *Beat Street*, no Cinema Olympia²⁵. Em uma das cenas do filme, aparecia um vagão de trem grafitado *Hip Hop don't stop*, ou seja, "Hip Hop não para", e foi a partir daí que eles entenderam que o Hip Hop era um movimento cultural.

Considerado o primeiro MC de Belém do Pará, Blackman foi o pioneiro cantando rap na TV Cidade, em 1986 e 1988. O grupo Manos da Baixada de Grosso Calibre (MBGC) também é considerado fundamental no início da história do Hip Hop em Belém do Pará. Os primeiros encontros de freestyle²⁶ surgem em 1991, na Praça do Jaú, no bairro da Sacramenta, promovido pelo grupo Fator Contrários. Vinte anos depois, em 2011, o projeto Família de Rua²⁷ executou um duelo de MCs em frente à

¹⁸ Criado em 1970, por Luiz Alberto da Silva, o movimento nasceu em resposta à repressão da ditadura militar. O espaço foi muito importante na celebração, resistência e identidade da juventude negra paulistana.

¹⁹ DJ e um dos pioneiros do Hip Hop, reconhecido por desenvolver técnicas de mixagem e *scratching* que influenciaram a cultura Hip Hop na década de 1970.

²⁰ Rapper, escritor e apresentador brasileiro, integrante do grupo Racionais MC's, considerado uma das principais vozes do rap nacional.

²¹ DJ, produtor musical e rapper brasileiro, pioneiro do Hip Hop no Brasil e importante nome na consolidação do rap paulista.

²² Rapper brasileiro e um dos pioneiros do Hip Hop nacional, ligado ao desenvolvimento inicial do rap em São Paulo.

²³ Rapper, compositor e apresentador brasileiro, um dos pioneiros do Hip Hop nacional e figura central na difusão do Hip Hop no Brasil.

²⁴ Dançarino, rapper, escritor e ativista cultural. Conhecido como um dos pioneiros do movimento Hip Hop brasileiro.

²⁵ Cinema mais antigo do Brasil, localizado em Belém do Pará, inaugurado em 24 de abril de 1912.

²⁶ Do inglês, freestyle significa "estilo livre", característica em que o MC faz rimas improvisadas na hora.

²⁷ O projeto Família de Rua nasceu em 2007, em Belo Horizonte (MG), inspirado pela cultura Hip Hop. Responsáveis hoje pela organização do Duelo de MCs Nacional, a maior competição de freestyle do Brasil, que conecta mais de 600 cidades de todo o país.

Prefeitura de Belém e, logo depois, em 2013, surgiu a Batalha de São Brás, uma das batalhas mais renomadas de Belém na época.

Antes de concluir este subitem, gostaria de deixar um salve²⁸ às pessoas e bancas que pavimentaram a cultura Hip Hop em Belém do Pará nos anos 1980, 1990 e 2000: Electro Boys, Rap Boys (que depois se tornou Estilo de Belém), Fator Contrário Mcs (Carlos Lavareda, Rafael Conde, Yano Mano e Davi Reis), Bancada Rap Gospel (Jackson, Dani, Mano Bira, Sandrão, Andresson Anjo, João Batista, Naelson, Ronildo, Mina Jack, Wey Efésios), Sérgio Lobo, DJ Magal Sid, Mina Ribeirinha, DJ Morcegão (In memoriam), Jimmy Night, Ivan, MGC – Mulheres Guerreiras de Cristo (Nyna, Keice, Rafa, Negra Cy, Dani Nany, Negra Lu), MBGC – Manos da Baixada de Grosso Calibre (Pjor, Marcelo Magno, Tite, Muslin, Marcos Lgee, DJ Saulo Teixeira, Mano Ice e Preto A), DJ Ênfase, DJ RG, DJ Roberto Funk, Mhop (Movimento Hip Hop organizado), MC Davi, Shaira Mana Josy, Wellington, Spiro, Metal, Cely, B-Boy Ninja, Paulão, Pascoal Beat, Bruno B.O, Geléia (In memoriam), Armando, Zeca o Furacão e Jorge Break.



Figura 2: Electro Boys (Paulão, Maluquinho, Gut, Blackman e Fera). Fonte: História do Hip Hop Belém. Disponível em: <https://estilodebelemhiphop20anos.blogspot.com/p/casa-do-hip-hop.html>. Acesso em: 25 de maio de 2026.

Chegando na praça da “crema”²⁹ e na batalha do “crema”³⁰

Durante o processo de pesquisa e ao entrevistar algumas pessoas que moram na

²⁸Saudação muito presente no movimento Hip Hop, onde significa uma forma de cumprimento que demonstra respeito, reconhecimento e consideração pela trajetória de outra pessoa.

²⁹ Nome afetivo dado pelos moradores do bairro Cremação.

³⁰ Diminutivo de crematório.

Cremação ou nos bairros vizinhos e que frequentam o movimento, elas relataram que, antes da batalha, a praça estava um local soturno e perigoso. A fornalha, que antes servia para a queima de lixo, estava se tornando um espaço para o uso de crack. Quando a batalha começou a acontecer, essa praça, antes considerada perigosa, tornou-se um local movimentado, promovendo arte para o bairro e proporcionando uma economia pendular para os ambulantes moradores da Cremação, que vão à praça no dia da batalha para vender seus produtos. Após o início do movimento, os organizadores reivindicaram iluminação para toda a praça e começaram a revitalizar o espaço.

O evento é formado por muitos jovens que, muitas vezes, saem de suas casas e enfrentam mais de uma hora de ônibus para chegar ao crematório e dar o seu melhor na batalha. Na maioria das vezes em que fui à batalha também observei o mesmo homem vendendo churrasco, água e outras coisas, a mesma mulher vendendo cerveja em copão³¹ e o mesmo rapaz vendendo trufas.

Além da batalha, também ocorrem atividades paralelas, como atividades físicas ao ar livre, que, em todas as minhas visitas, contavam com a participação de 10 a 15 pessoas. Durante as batalhas, o cenário foi constante: mães levam seus filhos para brincar nos balanços, e crianças e adolescentes andam de bicicleta ao redor da meia-lua onde a batalha acontece. Ao chegar na praça é impossível não notar o graffiti de pássaros, gansos e folhas diversas na fornalha. Um espaço que antes era escuro, abandonado e sem vida, mudou significativamente para melhor.



Figura 3 – Graffiti feito pelo artista paraense Catatal. Fonte: Acervo pessoal.

³¹ Venda de cerveja em copos que variam de tamanho, o que direciona o valor da unidade por quantidade.

Durante minhas idas à batalha e nas conversas com as pessoas, majoritariamente jovens periféricos, percebi que muitos vêm de diferentes bairros de Belém, desde o Tapanã até à Terra Firme. Um dos entrevistados foi o Hitalo, um artista que frequenta a batalha há dois anos, perguntei a ele como se sentia ao participar da batalha:

Bem, me sinto exercendo esse meu direito de praticar cultura e receber cultura na rua, ver o movimento vivente da cultura Hip Hop, pulsante. As pessoas que praticam e que vêm de uma realidade muito parecida com a minha são pessoas da periferia e se veem em um momento propício pra fazer arte. Então, vendo tudo isso acontecer, esse movimento é bem gratificante, porque parece que as mazelas da sociedade não são esquecidas nesse movimento. A gente critica, mas também propõe melhoras para a sociedade, e a gente vê tudo isso acontecendo nas letras que os MCs lançam improvisadamente (Hitalo, 2 de outubro de 2024).

Além das batalhas de rima, tem um determinado momento do evento em que os organizadores deixam o microfone livre para aqueles que estão na plateia e querem declamar poesia ou cantar. Normalmente, existem dois estilos de batalha: a batalha do conhecimento, onde os MCs seguem um lado mais ideológico e buscam explorar até que ponto a capacidade intelectual de seus oponentes pode chegar, e a batalha de "gastação", que é mais voltada para o entretenimento, com os MCs satirizando a aparência ou características do adversário.

No processo de pesquisa, todas as vezes que fui ao "Crema", como é conhecida a batalha, declamei algumas poesias de minha autoria. Pelo que percebi, as pessoas que declamam poesias ou cantam suas músicas no Crema trazem em suas letras denúncias sobre questões, como a falta de médicos na rede pública, o desejo de uma conquista coletiva com seus iguais, o abuso de poder dos policiais, a falsa abolição da escravidão e a ambição de dar uma vida melhor para suas mães, tirando-as de empregos precários. No entanto, antes de alcançar isso, eles sentem a necessidade de ajudar seus iguais, que, por falta de oportunidades, acabam se submetendo ao crime.

Quando a batalha iniciou em 2020, o idealizador Kakuzo não sabia quem era Dalcídio Jurandir e a sua importância na região amazônica. Tanto que, nos primeiros anos da batalha, a Lo Ojuara, uma das organizadoras da batalha no início, pesquisou e estudou quem foi Dalcídio Jurandir e, em uma das edições, ela compartilhou a sua pesquisa com todos. Um tempo depois, o artista Patife, também organizador do Crema, criou um grito em homenagem ao escritor e à praça: "A melhor roda cultural é na Dalcídio Jurandir... o que acontece aqui? DUELO DE MCs!" Logo depois, teve

uma edição especial em homenagem ao escritor.

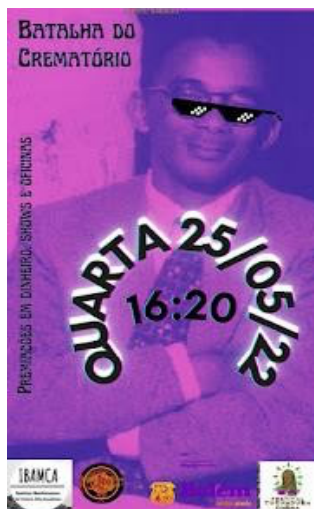


Figura 4 – Edição especial em tributo ao escritor Dalcídio Jurandir. Fonte: Instagram (@crema_2k26)

As batalhas de rimas improvisadas são diferentes e imprevisíveis, pois não sabemos o que passa na vida pessoal do MC que, na maioria das vezes, usa as batalhas de rima como válvula de escape. De acordo com relatos dos artistas que frequentam o Crematório e as demais batalhas que acontecem em Belém, elas foram e continuam sendo muito importantes na vida deles, pois, antes disso, não tinham perspectiva de vida. Além do rap ter salvado suas vidas, também os ajuda financeiramente, já que esses mesmos MCs que batalham no Crema também utilizam a rima como ferramenta de trabalho em ônibus de Belém.

Assim como o restante das batalhas que acontecem em Belém, o Crema também é um movimento independente, sem nenhum apoio, sendo um trabalho árduo, mas recompensador. Se não fosse a batalha, me pergunto o que seria do bairro da Cremação, da praça Dalcídio Jurandir, dos MCs e dos moradores que frequentam esse espaço todas as quartas-feiras para presenciar a batalha e até levar seus filhos para passear e brincar nesse espaço público urbano que há muito tempo foi invisibilizado.

Continuando a entrevista com o Hitalo, que além de artista, também trabalha vendendo trufas de forma itinerante, inclusive na Batalha do Crematório, perguntei como esses movimentos de batalha o ajudam atualmente:

Bem, me ajudam na evolução da oratória. O desenvolvimento da escrita, poesia e música também pode ser útil em outras áreas em que

a comunicação é necessária. Como estudante da UFPA, percebo que muitas palavras que normalmente não ouço em outros lugares podem ser usadas em diversos âmbitos da nossa vida. Então, isso é importante tanto para o arcabouço vocabular, quanto para a participação em um momento cultural, que é algo escasso para quem é pobre. Esse movimento aqui na praça tem uma importância enorme para mim (Hitalo, 2 de outubro de 2024).

Hitalo é um jovem negro, natural do bairro do Telégrafo, em Belém do Pará, 29 anos, multiartista e concluinte do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Começou a fazer arte no Ensino Fundamental, onde cobrava 50 centavos para desenhar letras nas capas de caderno de seus colegas, muito antes de saber o que era o *bomb*³². Quando começou a escrever não se sentia com talento o suficiente para fazer rimas improvisadas.

O *Slam*³³, ainda no começo da sua trajetória artística, foi o pontapé inicial que o incentivou a escrever com a tentativa de rimar. Ingressou no Ensino Superior por influência de letras de rap, pois o seu professor de sociologia do Ensino Médio trabalhava letras, como as dos Racionais MC's, onde ele ficava entusiasmado e engajado nos debates na sala de aula para fazer uma discussão mais aprofundada sobre os temas que eram abordados. A partir daí, percebeu que podia expandir a sua visão de mundo através do estudo das Ciências Sociais, com o objetivo de tentar entender o seu papel na sociedade e a sua identidade racial, algo que não compreendia totalmente antes de ingressar no Ensino Superior.

Hitalo conheceu a Batalha do Crematório em 2022, através de um convite que surgiu em uma conversa entre amigos. Frequenta a batalha até hoje, tendo como meio de transporte principal a sua bicicleta, que demora 20 minutos de deslocamento de sua casa até a praça Dalcídio Jurandir.

O “drama” dos cana

Quando comecei a pesquisa, não planejava fazê-la no Crematório, mas no dia 18

³² Técnica do graffiti caracterizado por letras gordas, geralmente feita com mais de uma cor e contorno.

³³ Slam ou Poetry Slams são batalhas de poesia em que poetas, ou slammers, apresentam suas poesias de forma autoral, com duração de até três minutos, sem o uso de instrumentos ou figurinos. As batalhas são compostas por jurados que ao final de cada apresentação dão uma nota de 0 a 10. No final, vence o slammer que obtiver a maior pontuação. O slam passou a acontecer pela primeira vez em Chicago, nos anos 1980, por Marc Smith. No Brasil, o slam chegou em 2008, por intermédio da artista Roberta Estrela D’Alva, por meio do ZAP! Slam (Zona Autônoma da Palavra), na cidade de São Paulo. Logo depois, surgiram outros grandes slams, como, por exemplo, O Slam da Guilhermina, que passou a acontecer em 2012. A palavra “slam” é uma onomatopeia utilizada no inglês para representar algo como uma batida ou um bater de palmas.

de setembro de 2024, quando eu estava indo para a Batalha prestigiar os duelos e dois artistas que estavam na programação do evento para cantar, percebi algo incomum: policiais fazendo a "segurança" do evento.

Durante os oito anos que frequento batalhas de rima em Belém, aquela foi a primeira vez que vi policiais perguntando aos organizadores se estava tudo bem no final da programação. Durante esse tempo, presenciei policiais interrompendo batalhas, ameaçando os organizadores, oprimindo os artistas e o público, extorquindo dinheiro e até quebrando o celular dos artistas.

Na verdade, eles não estavam fazendo a segurança das pessoas na batalha, mas de um dos dois políticos que foram presenciar o evento, inaugurar a reforma da praça e pleitear alguns votos, pois se aproximavam as eleições municipais de Belém. É um pouco irônico que os policiais tenham passado essa imagem de "bom moço" no dia 18, pois são os mesmos que circulam pela praça todas as quartas-feiras, no horário da batalha, para intimidar os artistas e o público em geral. Como mencionei anteriormente, além de terem interrompido a Batalha do Crematório várias vezes, também já quebraram o celular dos artistas e até extorquiram dinheiro deles. Infelizmente, essa perseguição é constante em todas as batalhas de rima que acontecem em Belém, e não é de hoje.

Em 2022, durante uma edição da batalha, alguns policiais da RONDAC³⁴ (Ronda da Capital) chegaram encapuzados, cercaram a batalha e a interromperam, demandando que algum dos artistas presentes fizesse uma rima em homenagem a eles e falasse o quanto eram importantes. O público todo ficou assustado, pois eles chegaram lá intimidando todo mundo. Foi nesse cenário que o artista paraense Duende levantou da plateia e cantou, pela primeira vez, a música "Cotidiano de Belém", de sua autoria, que denuncia o abuso de autoridade policial. Na música, esse abuso de autoridade é descrito a partir de um diálogo entre o eu lírico e um personagem que representa a autoridade policial:

Robocop do sistema não vai com a minha cara, sai fora, robozinho safado, não me enquadra.
Cadê teu alvará?
Senhor, tô na limpeza, tô trabalhando agora. Nem tô de tornozeleira. Qual é essa parada, o senhor quer me forjar? Não faz isso comigo, eu tenho uma filha pra criar. Não posso abandonar nem perder a minha vida, senão quem vai dar o sustento pra minha família?
Eu não quero saber, moleque, tu é ladrão. Eu vou é te jogar numa cela

³⁴ A RONDAC (Ronda da Capital) é o Grupamento de Pronta Resposta da Guarda Municipal de Belém, especializado em motopatrulhamento e operações táticas.

lá na prisão e, quando tu sair, eu vou tá com o celular fazendo a ligação pro carro prata te pegar. (DUENDE, 2022).



Figura 5 – Duende cantando "Cotidiano de Belém". Fonte: Acervo pessoal.

Logo após o Duende cantar, os policiais se retiraram, pois, o público que no começo estava acanhado com a presença dos policiais, graças à apresentação do Duende, deixou de ficar com medo e passou a gritar fervorosamente durante sua apresentação. Depois desse acontecimento, o Duende teve que se afastar por um tempo da batalha, pois, no dia seguinte, os policiais foram até a praça querendo saber quem ele era e onde morava, pois havia chegado aos policiais o vídeo publicado na internet dessa apresentação, em que o Duende aparecia cantando para eles. Os policiais queriam que ele se retratasse e que o vídeo fosse excluído. Esse é o episódio mais famoso de intimidação policial no Crema, mas depois dele, vieram outros. Em 2023, por exemplo, eles chegaram nos MCs enquanto a batalha estava acontecendo pedindo que eles rimassem para os policiais. Perguntei a um artista, frequentador da batalha há três anos, o que ele achou da "segurança" feita pela polícia no evento do dia 18 de setembro de 2024:

É sempre estranho, porque geralmente, quando a polícia vem nos eventos que a gente faz, eles vêm para parar ou baculejar a galera. Ter a polícia ali de canto gera uma tensão na gente, porque a qualquer momento eles podem parar a batalha. Mas, se eles não mexerem com a gente, a gente também não mexe com eles. O que falta muito pra sociedade entender é que a gente não tem raiva da polícia; são eles que basicamente têm raiva da gente, porque onde a gente tá, eles estão batendo e acabando com as nossas coisas. A gente só quer fazer o nosso trabalho. Quem vem pra cá, vem pra consumir arte ou pra fazer arte. Somos artistas de rua que, infelizmente, ainda estamos sujeitos a certos tipos de coisas (Artista 2, 2 de outubro de 2024).

Por mais que exista um batalhão de polícia ao lado da praça do Crema, muitos frequentadores da batalha não se sentem seguros com a presença constante dos policiais nas edições. Isso porque, muitas vezes, eles comparecem aos dias de batalha para intimidar os participantes ou até mesmo interromper o evento e revistar todos os presentes. Quando encontram algo ilícito com alguma pessoa, acabam generalizando a situação para toda a batalha.

Como aconteceu com a capoeira a partir de 1890, culturas negras passaram a sofrer forte repressão policial, mesmo após a abolição da escravidão, em 1888. Hoje, 138 anos depois da abolição, manifestações culturais praticadas em espaços públicos e periféricos continuam sendo associados à desordem e continuam sendo perseguidas (Arawak, 2024). Movimentos culturais contemporâneos, como as batalhas de rima, também enfrentam esse tipo de marginalização. Apesar de serem contextos históricos distintos, ainda existem permanências nas formas de controle e repressão sobre manifestações culturais pelas mãos do Estado.

Hoje, a violência policial ainda se perdura no Crema, mesmo com o Decreto Municipal nº 106.650, assinado pelo então prefeito Edmilson Rodrigues em 21 de março de 2023, que autorizou o uso livre de espaços públicos em Belém; sendo essa, diga-se de passagem, uma das raras vezes que uma prefeitura atendeu a uma demanda do movimento Hip Hop na capital paraense. Este decreto ainda não foi regulamentado pelo Igor Normando, atual prefeito de Belém.



Figura 6 – Assinatura do Decreto Municipal nº 106.650. Fonte: Prefeitura de Belém. Disponível em: <https://fumbel.belem.pa.gov.br/prefeitura-de-belem-decreta-uso-livre-de-espacos-publicos-da-cidade-pelo-movimento-hip-hop/>. Acesso em: 24 de maio de 2026.

Além da intimidação recorrente da polícia, desde o início da batalha, a luz da praça era cortada frequentemente, especificamente às quartas-feiras, pela Equatorial, distribuidora que fornece energia para a cidade. Eles iam com o carro, cortavam a luz e deixavam apenas um poste de energia funcionando. A edição do aniversário de 3 anos da batalha foi feita embaixo desse poste, onde os organizadores tinham apenas uma extensão de energia, mesmo com solicitações frequentes, por parte dos organizadores, para que a iluminação da praça fosse ligada novamente, gerando um conflito de direito à cidade (Lefebvre, [1968] 2001) e usando táticas para que as edições aconteçam (Certeau, 2025).

Em 2024, a organização conseguiu ter alguns encontros com o Edmilson Rodrigues, através de uma conselheira tutelar do bairro da Cremação, onde uma das principais pautas era a iluminação da praça. A prefeitura atendeu as demandas da organização, o que acabou resultando em uma praça mais iluminada e frequentada, ocasionando uma maior frequência de pessoas nela à noite (Lefebvre, [1968] 2001). A prefeitura também deu equipamentos de som e microfones, algo que foi um divisor de águas para a batalha.

"Sou neguinho sim, sou preto com muito amor, daquele que olha no espelho e acha foda a sua cor"³⁵

Em uma entrevista concedida em 2022, ao *podcast* Mano a Mano, do artista Mano Brown, o rapper Emicida³⁶ destacou que o rap foi o que fez a família se olhar no espelho e se entenderem enquanto pessoas negras, foi o que fez eles pararem de alisar o cabelo e construir uma identidade racial e se orgulharem de quem são. Antes disso, debates como questões raciais eram tabus. Para Stuart Hall, as identidades culturais são construídas por meio das relações sociais, na medida em que os indivíduos internalizam significados e valores culturais, atribuindo sentidos a si mesmos e ressignificando os espaços sociais e culturais que ocupam (Hall, 1992, 11). De acordo com o rapper paraense Pelé do Manifesto, um dos principais interlocutores desta pesquisa, perguntei a ele se o rap influencia de alguma forma em sua autoestima, e o mesmo respondeu:

Com certeza. A gente aprende a vida inteira que os nossos traços,

³⁵ Trecho da música "Sou neguinho", do rapper paraense Pelé do Manifesto.

³⁶ Rapper, cantor, produtor musical e escritor. Considerado uma das maiores revelações do Hip Hop nacional.

traços de quem é negro, são feios, que tudo que a gente faz é errado e que a nossa cultura é ruim. A gente aprende isso através da cultura difundida: livro, série, filme, enfim. O rap vem contrapor isso, ele vem mostrar que o que os negros fazem e produzem é intelectual, que os nossos traços são traços bonitos, nossa trança, nosso estilo de se vestir, nosso estilo de falar. Não tem como isso não influenciar um jovem que escuta a vida inteira que é feio, que é burro, que é errado. Então, o rap surge muito nesse sentido de autoestima. Inclusive, eu deixei o meu cabelo crescer pela primeira vez quando eu comecei a ouvir rap. Então, a partir do rap, eu comecei a gostar do meu cabelo, e isso foi um dos primeiros passos pra me aceitar enquanto pessoa preta. (Pelé do Manifesto, 9 de abril de 2026)

Silvio Almeida destaca a influência das telenovelas, ou cultura difundida, como Pelé do Manifesto descreve, a normalização de pessoas negras em posições de subservientes. Afinal, quem não lembra dos papéis como assaltante, bêbado, arrombador, coisa ruim, traficante, etc. que foram interpretados por Babu Santana³⁷ no decorrer de sua carreira? (Almeida, 2019, 54). Paul Gilroy, na obra *Atlântico Negro* reforça a importância de manifestações culturais da diáspora africana como fundamentais na construção identitária da população negra a partir da auto compressão coletiva, como aponta Pelé e Emicida ao enfatizarem que o rap foi importante no processo de aceitação das suas identidades negras (Gilroy, 2001, 161).

Pelé do Manifesto é um jovem negro natural do bairro da Cremação, em Belém do Pará, 35 anos, rapper, compositor, poeta, ator, apresentador de TV e graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará. Com mais de 10 anos de carreira, é considerado hoje um dos maiores nomes do Hip Hop paraense. Conheceu a batalha em 2020, através de um convite que recebeu dos organizadores da batalha para fazer um *pocket show*. Conheceu o rap de 12 para os 13 anos, quando ganhou um DVD de Gabriel o Pensador³⁸.

"Minha pretinha, tu não tá sozinha, já tamo chegando no final da linha"³⁹

Para a produtora cultural, mestra de cerimônia e organizadora da Batalha do Crematório, Karol Negrão, o rap também foi muito importante no processo de se reconhecer como uma mulher afroindígena⁴⁰ e o seu espaço no movimento. Perguntei

³⁷ Ator, cantor e político brasileiro, conhecido por interpretar a fase adulta de Tim Maia na cinebiografia do artista e por participar da 20ª e da 26ª edição do Big Brother Brasil.

³⁸ Rapper, compositor e escritor brasileiro que ganhou notoriedade na década de 1990 por suas músicas de crítica social.

³⁹ Trecho da música "Armadela", da rapper paraense Negrabi.

⁴⁰ Termo que designa identidades e experiências resultantes das interações históricas, culturais e ancestrais entre populações negras e indígenas.

a ela como foi esse processo de construção:

Nós mulheres pretas nos enxergamos a partir do momento em que vemos outras mulheres pretas em posições de poder. Eu sou uma mulher preta afroindígena que, quando vi outras iguais a mim no rap, entendi que posso me vestir daquela forma, que posso agir daquela forma, que eu também posso fazer aquilo. Então, acredito que é uma parada de pertencimento, sabe? Pertença a um lugar. (Karol Negrão, 6 de maio de 2026)

No decorrer da entrevista com a Karol, ela destacou a dificuldade hoje de ser a única mulher na organização, e ressaltou ainda ter que lidar com o machismo e sexismo em um movimento que teoricamente deveria lutar contra essas violências (Cordeiro, 2024). Para os homens, as mulheres no movimento se resumem às suas namoradas e amigas, invisibilizando totalmente as MCs, B'Girls, DJéias e Grafiteiras que, muitas das vezes, estão na produção das batalhas (Leite, 2019). Mulheres que fazem produções diferentes ou de melhor qualidade em comparação aos homens.

Ebony⁴¹, na música 'Espero que entendam' (2023) destaca: "Eu tenho o rosto, eu tenho o corpo e eu tenho rima, se eu tivesse um pau, os bofes iam tá mamando". Ebony, de forma explícita, critica homens que escutam apenas homens e evidencia a sua relevância e contribuição no rap, mas por ser mulher não tem a mesma repercussão em comparação a homens que, muitas das vezes, não renovam e não tem o mesmo empenho e dedicação que as mulheres tem nas composições. Mulheres que, por esses motivos, acabam abandonando a arte.

Em uma entrevista concedida em 2023 ao Brasil de fato, Sharylaine⁴² afirmou que as mulheres sempre estiveram presentes no Hip Hop, desde o seu início. E aqui no Brasil não foi diferente, pois assim como Cindy Campbell, nos Estados Unidos, Sharylaine, em São Paulo, e Nyna, Keice, Rafa, Negra Cy, Dani Nany, Negra Lu (Mulheres Guerreiras de Cristo), Mina Ribeirinha e Shaira Mana Josy, em Belém do Pará, as mulheres tiveram papel central na construção do movimento Hip Hop desde seu início até os dias atuais, pois a cultura não existiria sem a participação delas.

Apesar da contribuição das mulheres, elas ainda continuam sendo invisibilizadas

⁴¹ Rapper, compositora e cantora brasileira, natural da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Ela é reconhecida por abordar em suas músicas temas como raça, gênero, sexualidade e empoderamento feminino.

⁴² Rapper, compositora, produtora cultural e ativista brasileira, reconhecida como uma das pioneiras do rap feminino no Brasil. Fundou o grupo Rap Girls em 1986, considerado um dos primeiros grupos femininos de rap do país. Possui atuação histórica na consolidação da presença das mulheres no Hip Hop nacional.

dentro do movimento. Isso pode ser percebido nos próprios elementos do Hip Hop e na forma como são sempre pensados no masculino: o grafiteiro, o MC, o DJ e o B-Boy (Leite, 2019). Karol afirmou que desde o começo sempre buscou ajudar na organização, desde a gravar as batalhas, até anotar o nome dos MCs na folha de inscrição. Apesar disso, ela destacou que sentia falta de mulheres apresentando a batalha.

Para os homens estarem militando, apresentando batalhas ou produzindo, uma mina⁴³ sempre está por trás, desde assinando o nome dos MCs ou gravando as batalhas, como é o caso da Karol, muitas das vezes, até quando fazem sua comida, lavam suas roupas, sendo mãe, namorada ou irmã. Mesmo que apareçam nas batalhas sozinhos, sempre há uma mulher dando suporte (Leite, 2019).

Karol Negrão, natural do bairro da Terra Firme, em Belém do Pará, mulher afroindígena, 27 anos, arte-educadora, palestrante, produtora cultural e MC, conheceu as batalhas de rima em 2014, ainda na adolescência. Passou a frequentar as batalhas em Belém através de um convite de um amigo. De lá, surgiu o convite para ir na Batalha do Crematório, em 2023, e desde então passou a contribuir na organização. Ela reitera que passou a ocupar esses espaços pela necessidade de inspirar outras mulheres que frequentam as batalhas.

A praça Dalcídio Jurandir hoje: mudanças de 2024 pra cá

No dia 6 de maio de 2026, numa quarta-feira, resolvi ir ao Crema mais cedo, por volta das 16h, para observar o meu campo durante a tarde, entrevistar alguns moradores da Cremação que frequentam a praça e os ambulantes que comercializam ali, essa observação durou por volta de 3h e parei às 19h, horário que começaram a chegar as pessoas para a Batalha. Andei de São Brás⁴⁴ até o Crema, uma caminhada de 1.6 km. Ao chegar na praça, a primeira coisa que identifiquei foi a grande fornalha.

Durante essa tarde que passei, muitas coisas mudaram, por exemplo, a mulher da cerveja não estava lá, assim como o rapaz do churrasco. No dia, apenas uma mulher e um homem que vendem guaraná⁴⁵ em carrinhos separados estavam no local, como

⁴³ Termo muito comum na cultura Hip Hop e em contextos urbanos para se referir a mulheres.

⁴⁴ Bairro localizado na região central de Belém.

⁴⁵ Vitamina popular da região amazônica, especialmente no Pará, preparada a partir do xarope de guaraná combinado com frutas, como banana e abacate, misturados e batidos em um liquidificador com leite em pó, aveia e outros ingredientes. Também pode ser acompanhada com oreo, jujuba e outros complementos, conforme a preferência do consumidor.

fazem diariamente, a partir das 17h30. Além disso, as batalhas não estavam mais ocorrendo na meia-lua, mas sim em um túnel de circulação, onde as crianças costumam brincar durante a tarde. Também notei que a praça não estava tão iluminada quanto em 2024.

O grupo de pessoas que fazia atividades físicas ao ar livre ainda continua se encontrando durante a noite, mas, assim como as pessoas que correm na praça durante a tarde, fiquei acanhado de interrompê-los e registrá-los. Contudo, esses tipos de negociações com meus interlocutores ainda estou aprendendo no meu grupo de pesquisa. Tanto que, como aprendi com a minha orientadora, tudo é negociável. Então, para conseguir uma entrevista com a Mulher do Guaraná e não interrompê-la durante suas vendas, comprei um guaraná e fui conduzindo a entrevista enquanto ela preparava a vitamina.



Figura 7 – O forno Crematório atualmente. Fonte: Acervo pessoal.



Algumas das pessoas que consegui entrevistar que treinam na praça e algumas mães que levam seus filhos para passear, destacaram que na praça não tem segurança e eles ficam em alerta o tempo todo. Algo irônico, assim como foi destacado anteriormente neste artigo, a praça está ao lado de um batalhão de polícia, e mesmo assim os moradores e frequentadores da praça não se sentem seguros. No decorrer da tarde, entrevistei um morador do bairro da Cremação há 33 anos e frequentador da praça há 10 anos que relatou, enquanto passeava com seu filho, que houve mudanças significativas em comparação ao que a praça era há uma década. Segundo ele, assim como Pelé já havia mencionado em uma de nossas entrevistas, ocorreram quatro assassinatos no local.

Em um desses episódios, ele estava presente com sua esposa e chegou a apontar o local exato onde ocorreu a fatalidade: em frente ao túnel de circulação, onde atualmente acontece a batalha. Perguntei a eles se conheciam a batalha, e ele respondeu que sim, afirmando que já havia passado em frente a uma de suas edições. Também destacou sua relevância para a juventude e relatou que, quando a observou, os MCs estavam debatendo questões sociais enquanto rimavam.

O homem que vende guaraná, muitas vezes, colabora na premiação, dando uma vitamina de presente para o campeão ou campeã da batalha, dessa forma, criando relações sociais entre comerciante e participantes da batalha (Goffman, 1985). Tanto que, quando é dia de batalha, ele encosta o carrinho de vendas ao lado do túnel e, assim, o público da batalha vai fortalecendo as vendas ao comprar vitaminas, cigarros etc. A mulher do guaraná, que também mora nos arredores da praça e comercializa nela há três meses, destacou que percebe um aumento nas vendas nos dias em que há batalha. No anoitecer, a praça começou a encher, especificamente na meia-lua, pois muitos jovens estavam ensaiando para a festa junina⁴⁶.

⁴⁶ Cultura popular brasileira realizada tradicionalmente no mês de junho, caracterizada por danças, músicas, comidas típicas e apresentações.



Figura 9 – Ensaio de quadrilha no Crema. Fonte: Acervo pessoal.

Considerações finais

Baseado no que foi apresentado neste artigo, percebemos a importância do movimento Hip Hop como propulsor de transformações sociais e na autoestima da juventude negra; assim como as batalhas de rima, como a do Crema, ressignificam espaços marginalizados e trazem debates sobre questões sociais para os frequentadores desses espaços. Assim como foi com Cindy Campbell, em 1973, o Hip Hop continua sendo uma ferramenta de renda, tanto para os artistas que vendem seus *zines* ou fazem rima no ônibus, até os ambulantes que comercializam nas batalhas. E, antes de concluir, queria deixar um *salve* aos organizadores das batalhas, MCs e pessoas que fizeram parte deste artigo: Patife MC, Karol Negrão, Duende, Pelé do Manifesto, Hitalo, Chagas MC, Lo Ojuara, Mulher do Guaraná, Homem do Guaraná, mães e pais que me concederam entrevistas e ao pai e aos seus filhos que estavam treinando juntos. Vida longa à Batalha do Crematório e ao Hip Hop!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio de. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- ARAWAK, Zak. Fases, Amores e Dores. Belém: Editora Cromos, 2024.
- BRASIL DE FATO. O que querem as mulheres no hip-hop brasileiro? YouTube, 17 mar. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_I-aQeQLwGg. Acesso em: 25 maio 2026.
- BORDA, Bruno Guilherme dos Santos. Vivências, tecnologias, ritmo e etnografia: Uma visão afro amazônica sobre o Rap Nacional. Tese de doutorado. PPGSA-UFGA, 2016.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORDEIRO, Arielly Nazaré Jorge. “Uma batalha feita por nós, que fosse pra nós, onde as rimas não fossem afetar a gente, quem a gente é”: Battle Girl Power, ferramenta de enfrentamento ao racismo e sexismo em Belém/PA. 2024.

DIÁRIO DO PARÁ. DECRETO: movimento Hip Hop poderá usar espaços públicos de Belém. Diário do Pará, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://diariodopara.com.br/para/decreto-movimento-hip-hop-podera-usar-espacos-publicos-de-belem/>. Acesso em: 24 maio 2026.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIL BF. Memória BF | Parabéns e obrigado Cindy Campbell! Bocada Forte, 28 out. 2023. Disponível em: <https://www.bocadaforte.com.br/destaque-bf/memoria-bf-parabens-e-obrigado-cindy-campbell>. Acesso em: 16 maio 2026.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HISTÓRIA HIP HOP BELÉM PARÁ. “Direito de resposta de Marcos para história do hip hop de Belém”. História do Hip Hop Belém Pará, 12 nov. 2013. Disponível em: <https://estilodebelemhiphop20anos.blogspot.com/2013/11/direito-de-resposta-de-marcos-para.html>. Acesso em: 17 maio 2026.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade, São Paulo: Centauro, 2001 [1968].

MANO A MANO. Emicida. [Locução de]: Mano Brown. [S.l.]: Spotify Studios, 24 mar. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6af0NgIhLRQDMV8ioK5h53?si=957ac1c52c334998>. Acesso em: 9 maio 2026.